"Quando as cercas caírem no chão..."

A utopia da fartura de pão a partir de Jo 6,1-71

Nossa tarefa é ler o Capítulo 6 do Evangelho de São João (Multiplicação dos pães e Discurso sobre o Pão da Vida) perguntando: O que este texto quer dizer sobre o pão como alimento? Qual é a proposta do texto sobre a conquista da subsistência material ou econômica do ser humano? Qual é a sua mensagem para a organização dos meios de conservação e reprodução da vida humana na história?

De antemão, queremos deixar claro que não pretendemos que a nossa perspectiva de leitura seja exclusiva. Desejamos apenas exercitar uma leitura a partir do horizonte da luta pela satisfação das necessidades básicas de sobrevivência. Entendemos que, a partir dos elementos levantados por tal releitura, se abrirão novas perspectivas para uma leitura do ponto de vista sacramental ou do ponto de vista da Cristologia ou da Soteriologia.

1. NOSSOS PRESSUPOSTOS

Toda leitura tem seus pressupostos. Começamos por explicitá-los. De um lado, pressupomos que o Evangelho de Jesus Cristo como um todo (sua vida, morte e ressurreição) apresenta um projeto para a vida dos cristãos. Este projeto tem a ver com todas as dimensões da vida humana: as relações interpessoais, a organização da economia (produção e distribuição dos bens de subsistência) e a organização da esfera dos sentidos absolutos: religião. Portanto, a mensagem de Jesus Cristo (como, de resto, a mensagem de toda a Bíblia) é dirigida a nós, como Palavra Viva a pessoas humanas situadas, e deve ser recebida tanto em chave religiosa (em quem e o que crer) como em chave ética (o que fazer).

De outro lado, e por causa disso, entendemos que os "sinais" que Jesus Cristo realizou, entre eles a "Multiplicação dos Pães", só são captados em seu sentido profundo e primeiro, se atentarmos para os seus componentes materiais concretos. Os "sinais" ou milagres remetem o leitor a uma ruptura (no passado se falava em "quebra das leis naturais"). Cremos que essa ruptura não se situa fundamentalmente, ou apenas, no horizonte da religião (manifestação da divindade de Jesus Cristo), nem no horizonte da natureza (Jesus submete a si as forças do cosmos). É uma ruptura de ordem sócio-histórica. Os sinais remetem a uma nova ordem social, a novas leis que devem reger as relações interpessoais, sociais, econômicas e religiosas.

Se isso tem fundamento, é um atestado de ingenuidade, no caso do texto em questão, partir logo da pergunta pelo significado, desconsiderando a materialidade do sinal. Não é recomendável partir imediatamente da conclusão apressada de que Jesus quer falar, antes de tudo, da Eucaristia, de sua divindade, da revelação de Deus. As conclusões apressadas como a que Jesus não é fornecedor de pão[1], que "o homem que chega até Jesus sequioso de bens materiais deve mudar a sua atitude perante Ele", ou que a narrativa tem apenas um significado eucarístico[2], supõem muito facilmente que em Jesus Cristo só podemos buscar orientação religiosa ou mensagens espirituais.

Por fim, queremos deixar claro que Cristo não apresenta a sua proposta à margem ou contra a ação histórica dos homens. Ao falar sobre "pão da vida", sobre "Espírito e verdade", sobre "o trabalho de Deus", sobre "o Messias" etc., Jesus está querendo apontar para um novo modo de viver no mundo, um novo dinamismo, capaz de produzir vida em abundância, portanto, também as condições materiais de reprodução da vida humana. O que está em jogo não é propriamente dois tipos de pão (pão material e pão espiritual), mas duas mediações de construir a vida na história.

2. NOSSA CHAVE DE LEITURA

Com o que dissemos acima, já acenamos para a hipótese central do nosso trabalho. Entendemos que o tema central do texto de Jo 6 é a oposição entre Carne e Espírito, ou seja, entre dois projetos de organização da vida: a organização das relações pessoais, políticas, de produção e distribuição a partir do *poder* (que gera dependência, concentração e morte) ou a partir do *amor* solidário e dinâmico que leva à partilha e à doação da vida. É o conflito entre a proposta da lei (sistema judaico, do mundo) e o dinamismo do Espírito. Este conflito fundamental se expressa também em duas concepções do ser humano, da história (dos meios de subsistência) e da missão de Jesus Cristo e dos cristãos[3].

É em torno desse eixo que adquirem novos sentidos os temas do maná, da Lei, do Espírito, da Carne e do Sangue, do Messias etc. E o pão da subsistência é a porta de entrada para este novo horizonte de significação.

Antes de partir para a releitura do texto, contextualizaremos o nosso texto. J. MATEOS e J. BARRETO[4] situam o texto de Jo 6 no contexto do tema da Nova Aliança, um dos dois temas básicos do Evangelho de João. Segundo estes autores, trata-se da descrição do início do "novo êxodo" ao qual Jesus introduz o novo povo de Deus. Neste sentido, o Evangelista apresenta Jesus abrindo um novo caminho

1. Cf. J. KONINGS. *Encontro com o Quarto Evangelho*. Vozes, Petrópolis, 1975, 36.

2. Cf. F. LA CALLE. *A Teologia do Quarto Evangelho*. Paulinas, São Paulo, 1978, p. 77 e C.H. DODD. *A interpretação do Quarto Evangelho*. Edições Paulinas, São Paulo, 1977, p. 441.

3. Para essa hipótese nos apoiamos em J. MATEOS-J. BARRETO. *O Evangelho de São João*. Edições Paulinas, São Paulo, 1989, 281-332.

4. Cf. *op. cit.*, 281.

para a páscoa libertadora, que leve o povo à nova Terra Prometida. "Jesus confronta os seus discípulos com o problema da subsistência dos que o seguem neste novo êxodo: a comunidade, em cujo centro está Jesus, pondo-se a serviço dos seres humanos, com o seu amor manifestado no compartilhar, multiplicará o pão e produzirá a abundância. Assim será sinal no meio do mundo"[5]. E, à luz do novo êxodo, Jesus vai recapitular os temas centrais da libertação: maná, murmuração, Lei e cordeiro.

3. A SITUAÇÃO: CARÊNCIA

Não duvidamos que em Jo 6 "pão" tenha um sentido simbólico. Queremos destacar é o seguinte: ele é simbólico porque é real. Se este pão nos remete a outras realidades, estas só serão corretamente entendidas se o pão for considerado em toda a sua materialidade. É por isso que afirmamos: o pão é, antes de tudo, símbolo da alimentação, da subsistência material dos homens, produzido e distribuído de modo diverso em diferentes situações.

Aproximemo-nos do texto. Jesus atravessa o mar, numa alusão à travessia do Mar Vermelho. De fato, a multidão não pede pão a Jesus. Simplesmente "O seguia porque tinha visto os sinais que Ele realizava nos doentes" (6,1). A referência à montanha e à proximidade da páscoa dos judeus alude a um fato arquetípico: a libertação de Israel da terra da escravidão e da carência de pão. É Jesus quem se preocupa pela alimentação da multidão: "Onde compraremos pão para que eles comam?" (6,5). Com isso, Jesus coloca concretamente a questão da subsistência, insinuando que também a comunidade cristã deve colocar-se a questão da sobrevivência material dos povos. E, ao colocar a questão da alimentação, Jesus se refere ao meio de consegui-la: a compra.

Esta alusão à compra não pode deixar de remeter o leitor à situação do povo no Egito e, principalmente, ao contexto deprimente do exílio, onde as crianças desfalecem de fome (Lm 2,19), as mães perguntam: "onde há pão?" (2,12), o povo procura pão entre gemidos e vende os seus tesouros para comprar o que comer (Lm 1,11). Esta alusão nos traz à mente também os nossos supermercados abarrotados de mercadorias enquanto a fome vitima milhares de pessoas. O problema é que, para comer, é preciso comprar.

Jesus faz a pergunta a partir de dentro da comunidade (onde compraremos?), denotando que esta deve ser a preocupação daqueles que O seguem. A resposta de Filipe é a constatação da insuficiência dos meios usuais da organização econômica da sociedade: "Duzentos denários de pão (ou meio ano de trabalho) não seriam suficientes para que cada um comesse um pedaço" (6,7). Notemos aqui que a referência ao dinheiro pode ser também uma alusão à idolatria. O culto ao dinheiro afastara Deus do templo judaico, conforme a denúncia de Jesus (2,16), e ali instalara a ameaça de morte e a mentira (cf. Jo 8,44). Jesus parece saber que "o dinheiro e o sistema explorador que Ele e os seus seguidores deixaram para trás

5. *Id., ibid.*

são as causas da injustiça e da fome"[6]. Comprar significaria adquirir o essencial (o pão) para a vida em troca de dinheiro[7]. E isso supõe vendedores, que possuem pão em abundância e o vendem pelo preço que querem, provocando a fome e a dependência. Sob esta lógica, é impossível saciar a fome das multidões.

4. A PROPOSTA: ABUNDÂNCIA

André vislumbra uma solução diferente, embora sem acreditar na sua possibilidade concreta: "Há aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas o que é isto para tanta gente?" (6,9). A vontade de romper com o sistema monopolizador existe, mas faltam os meios concretos. A indicação de que havia ali um menino é muito significativa. Ele está entre os discípulos, e é a figura do grupo todo na sua condição de fraqueza e pobreza de recursos[8]. Os pães de cevada e os peixes são uma indicação da situação precária da vida do povo e uma referência ao profeta Eliseu (cf. 2Rs 4,2-44). Pão de cevada é alimento dos pobres. E a comunidade aparece, pois, como um grupo socialmente humilde, sem pretensão de poder ou dominação, dedicada a serviço do mundo (doando o que tem).

Na lógica do dinheiro (do templo, do mundo), não há solução para as necessidades das multidões. Na proposta de Jesus, a vida e o pão são abundantes. "Pão em todas as mesas, da Páscoa a nova certeza", cantam hoje nossas comunidades. Com o pão doado pelo menino e servido por Jesus, todos comem. Comem reclinados na grama, como homens adultos, maduros, livres. No Êxodo/Páscoa de Jesus os oprimidos mudam de condição social.

Fora da organização comercial e da lógica do Tesouro, a multidão come o quanto quer e ainda sobra muito. Com a partilha, base da adesão a Jesus e sua proposta, não falta alimento. Jesus toma os pães da comunidade e "pronuncia a ação de graças", isto é, estabelece a relação pão-dom de Deus, e alimenta a multidão. Ao reconhecer que o pão é dom de Deus e do trabalho de quem o produz, ele é desvinculado daquele que o possui e acumula. Assim, o pão, agora libertado das mãos dos comerciantes, serve para alimentar a todos. Com isso Jesus mostra que "a abundância é dada com a própria criação, e basta libertá-la daqueles que dela se apropriam para que volte a ser o dom de Deus à humanidade"[9].

5. A CRISE: É NECESSÁRIO AGIR

Jesus não produz a abundância substituindo a ação dos seus discípulos. É a partilha do que existe que a possibilita. É a ação em Jesus, no seu Espírito, que

6. *Id.*, 289.

7. É interessante ler Is 55,1s em oposição a tal tipo de organização social.

8. J. MATEOS e J. BARRETO (*op. cit.*) observam: "A figura do menino reduz ao mínimo o ponto de origem daquilo de que sairá a solução. Por sua idade e condição, ele é fraco física e socialmente, o mais desproporcionado à magnitude do problema. O menino é pobre, e seu alimento, de ínfima qualidade (de cevada) e escasso" (p. 291).

9. *Id.*, 294.

sacia a fome da multidão. A multidão não entende isso, e iguala Jesus, sem mais, a Moisés. Só O percebe como mediador da subsistência, como mediador da Antiga Aliança, entendida a partir da ideologia messiânica veiculada no Templo: Jesus seria o profeta e messias-rei que os substituiria na ação, exercendo sobre eles o seu poder. A multidão quer um rei, e não um servidor. Quer um ponto de chegada e não um caminho. Jesus quer torná-los livres e eles renunciam à liberdade, preferindo prestar-lhe obediência. Não aceitam se associar à sua obra, preferindo descarregar em um chefe a própria responsabilidade.

Frente a essa atitude, Jesus se retira, sozinho, fugindo daqueles que o queriam fazer rei. Como Moisés, sobe ao monte. Sai da esfera do "mundo" e vai para a esfera de Deus. Do mesmo modo, mais tarde, será elevado na cruz e, então sim, se manifestará como rei. Mas será um rei muito diferente.

A proposta de Jesus, com a sua recusa em ser aclamado rei, coloca a comunidade em crise. Os discípulos desertam. O que está em jogo é algo muito sério: a concepção do messias como rei ou como servo sofredor; a concepção da pessoa como dependente ou livre; a concepção da história como um dado ou como uma tarefa; a sobrevivência dentro do sistema de organização da vida vigente ou a criação de uma nova ordem. Em síntese: entram em choque os princípios da Carne e do Espírito, egoísmo-posse ou amor-doação. É neste horizonte que podemos abordar o discurso sobre "o pão da vida".

6. O NOVO MANÁ: A HUMANIDADE DE JESUS

Os discípulos partem sozinhos e se deparam com os perigos do mar e com a escuridão. A recusa do Espírito oferecido por Jesus os coloca sob o domínio das trevas. Caem sob aqueles que escolhem a via do poder e da acumulação. Jesus vai atrás deles. Mais tarde, toda a multidão busca Jesus Cristo, esperando dele a solução para a sua indigência.

O sinal de Jesus tinha sido um convite à generosidade, mas foi entendido como doação paternalista de algo. A multidão não entendeu o seu sinal. "Vós me procurais não porque vistes os sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes" (6,26). Jesus estava apontando para a necessidade de uma mudança radical das relações (também econômicas) como condição de possibilidade da abundância, mas não foi entendido. "Trabalhai pelo alimento que permanece até a vida eterna" (6,27): eis o convite à mudança radical, da qual advirá o pão para saciar a fome de todos. O trabalho (obra) que possibilita o dinamismo que produz a vida é crer em Jesus (aderir a Ele).

A partir deste momento, quando os judeus pedem um sinal como o de Moisés, Jesus começa a relacionar o pão com a sua própria pessoa[10]. O seu prodígio, o seu sinal é dar a capacidade de amar como Ele, e este é também o segredo da fartura

10. De acordo com J. KONINGS, em Jo 6,26-51, "pão" tem pelo menos quatro sentidos: vontade de Deus (6,26-29); a pessoa de Jesus (6,30-31); sua vida humana (6,51-55); e o pão eucarístico (6,56-58) (*op. cit.*, p. 39-41).

de pão. Isso exige o empenho de um "novo nascimento" por parte de cada um, e não depende apenas de Jesus. Ele não é mais o doador de pão (como Moisés doou o maná), mas Ele mesmo é o "pão de Deus que desce do céu e dá vida ao mundo" (6,33). Comê-lo é aderir a Ele, juntar-se à sua obra, entrar no dinamismo da sua entrega, participar do movimento da sua ação re-criadora. Não é a busca da perfeição que realiza plenamente o ser humano: é a doação de si mesmo. O maná alimentou o povo no caminho entre o Egito e Canaã. A autodoação é que rompe com o sistema da fome e abre caminho para o novo êxodo/páscoa. Enquanto a multidão queria remendar o pano velho, Jesus oferece uma roupa nova. Enquanto o maná vincula ao templo, e a coroação dele como rei cria dependência, Jesus se coloca como ruptura e exigência de liberdade.

Em Jo 6,40, fim da secção, Jesus diz: "Esta é a vontade do meu Pai: quem vê o Filho e nele crê (a Ele adere) tem a vida eterna". Trata-se da vida plena e definitiva, muitas vezes referida. É a vida do "mundo vindouro" (não do mundo da carência e da dependência) "diferente por sua natureza e qualidade da que é própria deste mundo"[11]. Começa com um "nascimento" que se identifica com a comunicação do Espírito. Com o Espírito se dá ao ser humano a capacidade de amor generoso, de amor solidário e fiel, cuja prática desenvolve todas as potencialidades da vida. O Amor (Espírito) é, portanto, o princípio e a manifestação verdadeira da vida. Ou, como cantam nossas comunidades: "Somos gente nova vivendo a união,/ somos povo-semente da nova nação./ Somos gente nova vivendo o Amor,/ somos comunidade, povo do Senhor".

7. A NOVA LEI: O ESPÍRITO SANTO

Na unidade subseqüente (Jo 6,41-59), como os judeus não entendessem de que maneira Jesus poderia ter descido do céu (provir de outra ordem das coisas), se era filho de José (pertencia à ordem deste mundo), Jesus passa a vincular o símbolo do pão à sua "carne". Anteriormente, Jesus havia mostrado o contraste radical entre o pão verdadeiro (sua pessoa/proposta) e qualquer alimento "intra-sistêmico", seja pão, peixe ou maná[12]. Agora Ele aponta para a realidade concreta a que se referia: "o pão que eu vos darei é a minha carne para a vida do mundo" (6,51). Carne tem aqui o sentido de realidade/ação humana, o seu modo de ser entre os seres humanos. Por isso, a sua carne, o seu modo humano de ser, se torna fonte de vida, comunica o seu Espírito (6,23) a quem o come, ou seja, "a quem se compromete a viver a sua realidade humana tal como foi vivida por Jesus"[13].

Com Jesus Cristo, a antiga Lei deixa de ser a fonte da vida. Para ter a vida, é preciso comer a carne e beber o sangue de Jesus. "Aquele que de mim se alimenta viverá por mim" (6,57). "Pois minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue é verdadeiramente uma bebida" (6,55). Está superada a Antiga Aliança.

11. Cf. J. MATEOS-J. BARRETO. *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*. Edições Paulinas, São Paulo, 1989, 285-286.

12. Cf. C.H. DODD, *op. cit.*, 451.

13. Cf. J. MATEOS-J. BARRETO. *Vocabulário Teológico...*, 37.

Jesus é o novo cordeiro. O seu sangue marca os que terão suas vidas poupadas. A sua carne é a comida da nova páscoa, o sinal do novo êxodo que se inicia.

É interessante notar que, em alguns círculos rabínicos, tanto o pão como a água eram analogias para se falar da Torá. De modo que poderíamos concluir que, para João, a antiga Lei não aparece mais como mediação da vida e do conhecimento do Deus da vida[14]. O acesso para o Deus vivo, para a vida plena, para a fartura de pão, é comer a carne e beber o sangue de Jesus, isto é, viver a realidade inteira de Jesus como dom, a sua entrega até a morte por amor à humanidade e em oposição ao sistema do Templo. Para ter a vida, a pessoa humana deverá assimilar ou "reproduzir" esta atitude fundamental de Jesus Cristo[15].

8. O ESPÍRITO QUE VIVIFICA

O caminho que Jesus propõe não é o que a multidão e os discípulos esperavam. Seu messianismo não é triunfalista e nem nacionalista. Ele reina e dá a vida pela mediação do amor serviçal e solidário. Mostra que só "quando as cercas caírem no chão" é que "as mesas se encherão de pão", conforme um canto popular. Os discípulos consideram isso muito exigente. Acham que a morte é debilidade e malogro. Pensam que para haver mudança é preciso haver rei e força. Muitos então O deixam. Mas Jesus reafirma obstinadamente que a morte é a condição para a vida e que a sua realidade humana traz em si a força re-criadora do Espírito.

É o Espírito que dá a vida. É a força do amor fiel, a força mesma que é Deus que pode romper com o mundo do "comprar e do vender", onde impera a fome e a morte, e pode vivificar. A carne – os seres humanos débeis e sem amor, o sistema fechado em si mesmo e em torno do tesouro – não tem força de transformação. O Espírito leva a enfrentar a morte com a doação voluntária, amorosa e solidária de si mesmo e é a única força e agente eficaz de vida. Sem essa mudança, continuará "a mesa tão grande e vazia de pão...".

Mais adiante, Jesus acaba retomando este tema: "As palavras que eu vos disse são espírito e vida" (6,63). Espírito é dinamismo, vento, força e ação. Suas palavras são, primeiramente, ação em sua pessoa. Depois, devem ser ação e dinamismo transformador nos discípulos. Esta ação em Jesus e nos discípulos plenifica a criação, produzindo vida plena a partir da abundância do pão, mediada por novo sistema de organização da distribuição dos bens. A revelação total da vida se manifesta na união da palavra e da ação, que Jesus mostra na cruz. Esta vida é recebida e comunicada pelos seres humanos através da união da palavra e da ação[16].

A possibilidade e o caminho para alcançar a vida plena é a adesão a Jesus Cristo (comer a sua carne e beber o seu sangue), ou seja, receber o seu Espírito,

14. Cf. DODD, 447.

15. Cf. MATEOS-BARRETO. *Vocabulário Teológico...*, 257.

16. Cf. DODD, *op. cit.*, 453, nota 24.

capaz de nos fazer "gente nova". "A nova sociedade ou comunidade messiânica não se faz sem a nossa colaboração. Aqueles que optam por Jesus e constroem o mundo novo adotam a sua atitude de entrega"[17]. E isso representa uma ruptura radical para aqueles que desejam apenas relações baseadas no comércio e na acumulação, ou que desejam um messias que providencia e impõe ordem, retirando a responsabilidade de cada um. Um é o caminho da carne. Outro é o caminho do Espírito.

9. EM FORMA DE CONCLUSÃO

Não pretendemos que nossas conclusões sejam exaustivas e nem definitivas. Queremos assinalar apenas alguns dados que podem ajudar em novas sínteses, mais fundamentadas e verossímeis. Mas cremos que, após esta tentativa de releitura de Jo 6, podemos concluir que:

1. O texto apresenta um caminho propriamente cristão para enfrentar a questão da subsistência material das multidões: a via da reorganização do sistema sócio-econômico a partir da distribuição e não da acumulação;

2. O discurso sobre o pão da vida está referido a esta proposta, apresentando-a sob a forma de uma ruptura com o sistema do judaísmo pela vida segundo o Espírito;

3. Em torno deste eixo, João apresenta uma nova visão da pessoa humana, da História e do Messias: a pessoa humana só se realiza plenamente sob o dinamismo do Espírito, ou seja, no amor desinteressado e solidário; a História é aberta e tarefa dos seres humanos sob o dinamismo da ação do Espírito; o Messias é aquele que se faz servidor do ser humano ao ponto de dar a sua vida para lhe comunicar a liberdade e a capacidade de amar.

Itacir Brassiani, MSF
Caixa Postal 185
Santo Ângelo – RS

17. MATEOS-BARRETO. *O Evangelho de São João*, 327.